

A LEITURA DE QUADRINHOS E A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR E CRÍTICO DO(N)O MUNDO

Jacyelle da Rocha Costa (1); Rivânia Maria da Silva (1); Myrele Farias Pessoa (2); Gabriela Kelly de Souza (3); Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos (4)

(¹Universidade Federal da Paraíba, e-mail: jacyellec3@gmail.com; ¹Universidade Federal da Paraíba, e-mail: rivanianess@gmail.com; ²Universidade Federal da Paraíba, e-mail: mylly.farias12@gmail.com; ³Universidade Federal da Paraíba, e-mail: gabrielak047@gmail.com; ⁴Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, e-mail: direito.lettras@gmail.com)

Resumo: A partir dos quadrinhos de Mafalda, elaborados por Joaquin Salvador Lavado Tejón, objetivamos no presente trabalho tecer considerações que focalizem na formação do leitor, a partir de uma concepção que o referido sujeito, para ser compreendido como proficiente, deve, além de desenvolver as capacidades elementares de leitura, produzir uma crítica do(n) mundo no qual está envolto. Por ser uma leitura curta e que problematiza questões do cotidiano de modo lúdico, mas reflexivo, muito encanta em abordagens no Ensino Fundamental, ao mesmo tempo que desenvolve, desde esse momento, a capacidade leitora e crítica a partir de temas que perpassam desde as inquietações do ser criança até discussões de ordem social, comportamental e política. Levando em conta que, de fato, é inquestionável o valor desse gênero, sendo recomendados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) bem como é reconhecido como um instrumento de alfabetização. Assim associada a essas análises de cunho crítico e documental, buscamos focar em estratégias que viabilizem ainda mais o uso das tirinhas no ambiente escolar, precisamente nessa etapa de formação de crianças e adolescentes. A tirinha, igualmente as HQs, corresponde a uma sequência de quadrinhos, os quais, em geral, por meio de uma linguagem despreziosa e carregada de humor, realizam uma crítica aos valores sociais, abordando temas da atualidade e por este motivo é um recurso valioso para ser usado em sala de aula. O uso da tirinha nas salas de aula do Ensino Fundamental corresponde a excelente mecanismo de inserção de textos em sala de aula e de efetivação de leitura por meio de uma abordagem crítica, dinâmica e que fixa a atenção do alunado.

Palavras-chave: tirinhas; formação do leitor; leitura reflexiva.

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a formação do leitor na fase do Ensino Fundamental, propomos no presente espaço de discussão uma reflexão sobre os gêneros de leitura que melhor atinge o público infantil. Sabe-se que, de modo geral, os textos que possuem linguagem simples e visual atraem mais o gosto da criança, dentre os textos que têm tais requisitos, como a fábula, conto, histórias em quadrinhos etc., trataremos, especificamente, da tirinha que é um recorte das histórias em quadrinhos. Contudo, a aparente facilidade na linguagem pode estar presente apenas na primeira abordagem, pois, como é perceptível, muitas tirinhas realizam a prática do intertexto, o que, por ser aplicado de modo sutil, pode passar despercebido pelo leitor desatento ou desavisado.

Nesse sentido, a nossa proposta enfoca a leitura de tirinhas como um recurso para desenvolver a formação do leitor no Ensino Fundamental. Sendo assim, apresentaremos uma proposta pedagógica com intuito de oferecer um estímulo de leitura prazerosa e ao mesmo tempo com qualidade reflexiva que possibilite o desenvolvimento do pensamento crítico do educando. Ao usar o termo “leitura prazerosa”, não estamos afirmando que a leitura de textos literários, os canônicos, não propiciem também uma leitura agradável, muito pelo contrário. Mas, o que se deve considerar é que, geralmente, as crianças encontram dificuldades em entender a linguagem e atribuir sentidos a tais textos. Ressaltamos que a leitura de tirinhas, se bem trabalhada, pode funcionar com uma ponte para uma leitura mais canônica.

Fanny Abramovich (2001) afirma que as HQ’s são parte constituintes do século XXI, sendo um erro ter preconceito com esse gênero e não levá-lo a sério. Em concordância com a declaração de Abramovich, Angela Rama (2009) corrobora que mesmo com a popularidade dos gibis entre o público infantojuvenil, a leitura de quadrinhos ainda é menosprezada pela classe considerada “erudita” da sociedade. Essa não aceitação pode ser compreendida por várias vertentes, dentre elas, provocamos o debate a partir da possibilidade de entendimento que as HQ’s são um gênero menor devido ao fato do seu próprio público alvo, abrangendo principalmente crianças nas fases iniciais de letramento. A literatura canônica muito é compreendida como literatura adulta, motivo pelo qual também é destilado preconceito nos textos compreendidos como *best sellers*, muitos destes destinados ao público adolescente.

A motivação pelo corpus em tela foi ocasionada pela popularidade da personagem Mafalda no mundo inteiro, desde criança a adultos, sendo, inclusive, muito requisitada nas provas de vestibulares. Sendo Mafalda uma menina que fala sobre questões de natureza política, social, cultural, etc., construindo um relacionamento reflexivo com o mundo, preocupando-se com a humanidade e a paz mundial, é perceptível o grau de atualização automática das tirinhas de Tejón com as mais distintas realidades humanas, seja quanto à espacialidade ou temporal. Essa capacidade de manterem-se vivas nos nossos dias, realidades e conflitos faz com que as tirinhas de Mafalda tenham o seu valor estético. É devido a essas questões que está justificada a possibilidade de utilização das tirinhas da referida personagem como um dos métodos educativo e contributivo para a formação crítica do indivíduo no Ensino Fundamental. As tirinhas merecem ser trabalhadas (corretamente) e reconhecidas pela esfera educativa, visto que, ao fazer um bom uso desse recurso, pode-se despertar o senso crítico na criança.



Durante as aulas da disciplina de Literatura Infantojuvenil no Campus IV, foi proposto aos alunos que escolhessem um tema livre (relacionado com a literatura infantil e ao ensino) para pesquisar. Com isso, nosso grupo escolheu trabalhar as tirinhas como um recurso pedagógico na formação do sujeito leitor. O trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas. Apresentamos nossa proposta (tópico 04) para turma do quarto período de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, a qual ocasionou um debate produtivo para os formandos, enquanto futuro professores.

Assim, realizamos o seguinte questionamento: As tirinhas afastam as crianças e adolescentes do mundo dos livros ou podem representar, na verdade, um valioso recurso pedagógico em sala de aula? A resposta para esta pergunta será exposta ao longo desse trabalho. Os críticos-teóricos que vão dar embasamento para elaboração desse trabalho são: Ramos (2009); Pereira (2009); Vergueiro (2009); Rama (2009); Abramovich (2001); PCN's (1998).

2. O GÊNERO LITERÁRIO TIRINHAS À LUZ DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E DO LETRAMENTO LITERÁRIO

A tirinha, igualmente as HQs, corresponde a uma sequência de quadrinhos, os quais, em geral, por meio de uma linguagem despretensiosa e carregada de humor, realizam uma crítica aos valores sociais, abordando temas da atualidade. Como afirma Fanny Abramovich (2001, p.158), as HQ's ficaram famosas como arte sequencial, por serem formadas em uma estrutura de sucessão de quadros, uma sucessão gráfica, imagens desenhadas uma após a outra. Diferentemente dos desenhos animados, em que as imagens são fotografadas para dar velocidade aos personagens, nos quadrinhos e nas tirinhas, o que faz movimentar as figuras de um quadro para outro é a leitura, a imaginação, pois é o leitor, através de seu conhecimento prévio, que vai preencher as lacunas existentes entre uma ação e outra.

Considerando o fato de que é inquestionável o valor do gênero tirinha, sendo recomendado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) bem como é reconhecido como um instrumento de alfabetização. Sabe-se que esse recurso pode (1) despertar o interesse do aluno; (2) estimular o hábito da leitura; (3) aperfeiçoar várias competências cognitivas, dessa forma, apresentando-se como um recurso que muito contribui para a prática de leitura dentro e fora da escola.

Numa entrevista à *Revista Nova Escola*, Maria Cristina Ribeiro Pereira, coordenadora geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) da Língua Portuguesa, declara que “por associarem imagens e textos, os gibis ajudam as crianças a aprender a ler e a avançar rapidamente na leitura”. Assim como os gibis, as tirinhas possibilitam a fácil associação de imagem com o texto, proporcionando que o leitor em desenvolvimento seja capaz de entender o sentido da história por meio da imagem. De acordo com o documento oficial Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998), em alguns casos, os textos mais apropriados para se trabalhar com as crianças são os que possuem linguagem visual, tais como folheto de propaganda e histórias em quadrinhos, os quais possibilitam que ocorra uma compreensão dos significados de acordo com o que está expresso na imagem.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 de dezembro de 1996, havia uma necessidade de inserir “formas contemporâneas de linguagens” no ensino, de modo que a prática de leitura tivesse um destaque no processo de ensino-aprendizagem. O debate referente à inserção da leitura de tirinha, quadrinhos e gibi em sala de aula é bem recente, pois num momento anterior havia um receio em prejudicar o interesse da criança por ler obras mais complexas, considerando esses gêneros pouco úteis para formação do leitor crítico do(n) mundo. No entanto, as tiras e os quadrinhos podem servir como uma ponte para o gosto por textos literários. Vergueiro (2012) declara que embora as histórias em quadrinhos contribuam na leitura, não é correto afirmar que elas constituem uma forma literária. No entanto, por compartilharem elementos narrativos típicos do texto literário, os quadrinhos têm-se prestado para a adaptação de contos ou de romances. No presente momento, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.54) afirmam que uns dos gêneros privilegiados para a prática de escuta e leitura dos textos, além dos literários, os do gênero imprensa, como charge e tira.

Os PCN's também sugerem que, para desenvolver o leitor proficiente, é necessário haver uma variedade de textos que estão presentes no contexto social do cotidiano para as práticas de leitura. Um dos gêneros textuais que possuem esses requisitos são as tiras, uma vez que, os leitores de tiras e/ou histórias em quadrinhos, geralmente, tendem a ler também jornais, revistas e livros. Posto isso, fica evidente a importância da utilização da tirinha para prática de leitura na escola, sendo recomendado até mesmo pelos PCN's.

3. TIRINHAS NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM EM PROL DA CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO LEITOR E CRÍTICO DO(N)O MUNDO

De acordo com Paulo Ramos (2009) existia um tempo em que, no Brasil, não considerava-se as histórias em quadrinhos como algo relevante para ser utilizado em sala de aula. Tal posicionamento já diverge das ideias do atual século, onde já se tem uma visão mais atualizada sobre esse assunto, pois podemos observar que atualmente usa-se com frequência nos vestibulares e livros didáticos o uso de tirinhas.

O fato de as tirinhas serem uma leitura curta, simples e rápida, a qual problematiza questões do cotidiano de forma lúdica e dinâmica, porém reflexiva, que muito encanta as crianças quando visto na sala de aula, ao mesmo tempo que possibilita o desenvolvimento da capacidade leitora e crítica do educando, corresponde a um importante instrumento provocador e incentivador de leituras outras, é um verdadeiro abre-alas para o mundo da leitura. A partir de questões de profunda reflexão crítica, as quais perpassam desde as inquietações do ser criança às discussões de ordem social, comportamental e política, abarcando valores culturais e oferecendo a possibilidade de expandir o conhecimento de mundo da criança leitora, é possível estabelecer o diálogo entre o sujeito leitor e a tirinha de Mafalda.

Partindo dessas observações, elegemos algumas tirinhas da Mafalda em que sugerimos como proposta didática a ser realizada em qualquer nível do Ensino Fundamental.

Tirinha 1:



Disponível em <<http://geracaofilosofa.blogspot.com.br/2013/11/interpretando-mafalda.html>>. Data de acesso 31 de Agosto de 2017.

Para suporte da nossa proposta, utilizamos a sequência didática sugerida por Rildo Cosson (2009) no livro *Letramento Literário: teoria e prática*, o qual oferece ao professor uma sequência didática em que consiste num modelo estruturado em quatro etapas: motivação, introdução, leitura

e interpretação. Posto isso, sabendo da discordância de como esse gênero é utilizado de forma inadequada no âmbito escolar, propomos o seguinte para ser aplicado em uma turma do 6º ano:

O conteúdo da tirinha 1 trata de questões do universo infantil, como podemos observar, Mafalda, ao ler um livro, problematiza o fato de as crianças sempre serem alvos dos monstros nas histórias infantis. Sendo assim, no momento em que o professor traz uma temática que possibilite ao aluno se posicionar em relação à perspectiva exposta no pensamento da personagem, dá a oportunidade para o educando desenvolver argumentos sobre o texto, dessa forma, contribuindo na construção do pensamento crítico.

Realizada a leitura de modo compartilhado, é importante que o professor contextualize o conteúdo da tirinha, exemplo: indagar os alunos se eles conhecem alguma história que refira-se a problematização feita por Mafalda; feito isso, seria pertinente que o professor interagisse com os alunos indagando se os mesmos acham justo que as crianças sejam sempre os alvos nas histórias e se elas imaginam o porquê disso, promovendo, assim, um debate sobre o conteúdo da tirinha, e já sendo possível ventilar uma análise, ou proposta de inquietação, por viés dos problemas atuais vivenciados pelo ser criança, desde o abandono ao perigo na sociedade.

Após a efetuação do debate, sugerimos que o professor, caso ainda não, adote um exercício que vem sendo utilizado recentemente, a prática de reescrita e reformulação da história, acrescentando finais alternativos. Este exercício viabiliza abrir espaço para a imaginação criativa do leitor/escritor em desenvolvimento, inclusive trabalha a escrita.

Tirinha 2:



Disponível em: <http://caminhosdamemoria.files.wordpress.com/2009/07/mafalda_quino2.jpg>. Acesso em 31 de Agosto de 2017.

Para trabalhar a tirinha 2 propomos a seguinte sequência didática a ser realizada numa turma do 9º ano:

1º Passo: Trazer a música “Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles e Os Rolling Stones” de Engenheiros do Hawaii e colocar para os alunos ouvirem. Feito isso, o professor pode perguntar a respeito da temática apresentada na música aos educandos. Supondo que a resposta dos alunos seja, basicamente, “trata da guerra do Vietnã” o professor deve então partir para o segundo passo.

2º Passo: Iniciar a leitura da tirinha (seria importante que o professor distribuísse cópias da tirinha para os alunos acompanharem a leitura, ou até mesmo, expor no datashow, assim evita que os alunos fiquem dispersos durante a leitura e, com o texto em mãos, iniciem alguma proposta de interação e intervenção).

3º Passo: Fazer uma apresentação sucinta da obra de Joaquin Tejón, ressaltando o contexto social em que Mafalda estava inserida na época de sua criação (que se passa no mesmo período em que o Vietnã estava em guerra).

4º Passo: Abrir espaço para um debate sobre a relação da música com a tirinha 2. Para conduzir a discussão, segue aqui algumas sugestões de perguntas: a) Vocês já conheciam a personagem Mafalda?; b) Já escutaram a música?; c) O que vocês entendem por guerra?; d) Já leram ou viram algo sobre o assunto (guerra)? Se sim, onde?; e) Vocês compartilham da mesma opinião expressa por Mafalda no último quadrinho da tirinha?. A depender das respostas dos alunos o professor deve estar preparado para introduzir novos questionamentos. Inclusive, é importante também que o professor ressalte algumas características da personagem Mafalda, exemplo, que ela é uma grande fã dos Beatles, banda esta que é citada na referida música de Engenheiros do Hawaii, como pode-se observar no trecho a seguir:

*“Era um garoto que como eu
Amava os beatles e os rollingstones
Girava o mundo, mas acabou
Fazendo a guerra no Vietnã”*

5º Passo: Concluído o debate, para consolidar o tema que foi discutido no decorrer da aula, através da tirinha e da música, é importante que o educador peça para os alunos realizarem algum tipo de atividade, não precisa, necessariamente, ser escrita, podendo ser oral. Um exemplo de atividade escrita: pedir para os alunos formarem duplas e elaborarem uma tira sobre alguma notícia

de jornal, inserindo a opinião da dupla a respeito da notícia. Ressaltando a fala de Andréa Kluge Pereira (2009) que não se deve usar as histórias em quadrinhos como um pretexto para o ensino de certos conteúdos, mas como um modo de promover a leitura e a produção textual, explorando o referido gênero como uma narrativa, a qual contém personagem, enredo, etc.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, concluímos que é inegável o valor da tirinha enquanto um recurso que abarca muitas informações e conhecimento de mundo, os quais são de natureza reflexiva. Neste caso, introduzir as tirinhas em sala de aula é um ótimo recurso pedagógico por trabalhar temas transversais e sociais. Sendo assim, muito contribui para a formação do leitor, uma vez que, é uma leitura fácil e atrativa aos alunos, possibilitando que os mesmos busquem outros textos e desenvolvam o hábito da leitura. Considerando o fato de que é preciso pensar na formação do leitor a partir do público que o professor quer atingir no processo de formação do leitor, reafirma-se aqui a necessidade de fugir do cânone para trazer ao cânone, ou seja, incentivar a leitura com textos “simples” até que os alunos adquiram o hábito e só depois trazer a literatura canônica.

O intuito da proposta apresentada nesse trabalho, foi sugerir ao educador métodos de como aplicar a leitura da tirinha de forma contextualizada, buscando sempre a formação crítica do leitor. Por meio das tirinhas/quadrinhos/charges que os alunos geralmente conhecem por terem grande circulação no âmbito acadêmico e social, exemplo: Mafalda, Armandinho, Turma da Mônica etc. No entanto vale ressaltar que é necessário ser feita uma seleção dos textos pelo professor, visto que, não é apropriado trazer todo tipo de texto sem uma pesquisa e planejamento prévio, afinal a atividade docente, para ser bem desenvolvida, carece de preparação, seleção de conteúdos e adoção de estratégias de ensino, a depender do conteúdo a ser ministrado e do público alvo para que a aula venha a ser programada.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2001. p. 172.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental.** Língua portuguesa, Secretaria De Educação Fundamental, Brasília, 1998.

RAMA, Angela (org.); VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na Educação.** São Paulo: Contexto, 2009.

REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo: **Traga os gibis para a sala**, ano XVIII, nº 111, abr. 2008.

PEREIRA, Andréa Kluge. **Ampliando as leituras** – algumas possibilidades. In: ERENBUM, Andréa. **Por uma política de formação de leitores.** Brasília: Ministério da Educação, 2009. p. 27-44.